Senador Vergueiro, 35, o endereço de uma geração

Jaime Rodrigues

Para alguns, como o jornalista americano George F. Will, conservador que escreve para *Newsweek* e *The Washington Post,* os anos 60 foram uma década perdida, ruidosa e barulhenta. *A dead loss*, diz ele, provavelmente ajustando o suéter verde, feito por McGeorge of Dunfries, comprado em *Lord's*, Burlington Arcade, Londres. Tudo — até gravatas — ficou *disgusting*. O mundo estava de saco cheio, virou e mexeu. Rebeldia, contestação, acomodação. Curiosidade. Experiência, dor, vontade de mudança. Na verdade, foram anos gloriosos. Godard, *A Maçã no Escuro*, Jânio toma posse e se perde a caminho da ditadura brega. Expulsam Cuba da OEA, Sartre publica *A Crítica da Razão Dialética*, Nélson Pereira dos Santos roda *Vidas Secas*. CPC da UNE. GEC da UME. Cinema Novo — ou, então, no ovo, como diziam. Anselmo Duarte ganha a Palma de Ouro, Pasolini revê *O Evangelho Segundo São Mateus*. Glauber Rocha, *O Ano Passado em Marienbad*. Morre Guevara, leiloam seu diário, mais tarde. *A Banda* empata com *Disparada* num dos festivais da Record. Mohammed Ali perde o título de campeão mundial dos pesos-pesados por recusar-se a lutar no Vietnã. Depois o recupera. *Blow-Up, Belle de Jour, O Rei da Vela* (Dina Sfat, linda!), matam Edson Luís de Lima Souto, surge a Frente Ampla, *2001, Hair*, França, 1968!, De Gaulle aturdido em qualquer outra parte da Europa. *Roda Viva, Pra Não Dizer que Não Falei de Flores*, Tropicália.

Morrem Ho Chi Minh e Carlos Marighela. E também Kennedy, Lee Oswald, Ruby e o resto do bando. *A Doce Vida*, Fellini. Aqui no Rio de Janeiro, na Maison de France, passam *Chronique d'un été* e o *flic*, por estar em serviço, não podia responder se era ou não feliz. *Vostok I*, os *Trópicos* de Henry Miller. *O Processo* de Orson Welles, o golpe de 1º de abril, revolução cultural na China. AI's diversos, diáspora. Caparaó. *Três Tristes Tigres*, de Guillermo Cabrera Infante. *Navalha na Carne*. Oliveira Salazar sofre um derrame cerebral. *Z* e *Os Cantos de Amor e de Guerra*, de Joaquín Rodrigo.

Joan Baez, Bob Dylan, Beatles. A anti-Amerika. O *Free Speech Movement*. Carmichael & Cleaver. Os Oito de Chicago. *Teach-in, sit-in, love*. Haight-Ashbury, Allen Ginsberg, uivos que só muito depois chegaram. Abbie Hoffmann. Living Theatre. Procuram Maria Joana em todos os cantos. Ronnie Reagan está nas redondezas. Timothy (Tim) Leary. Abe Fortas e Spiro Agnew. Eles também têm seus escândalos. Lenny Bruce morre e Jim Morrison é preso. LSD, STP, THC, FSM, VDV, YIPPIE, SNCC (pronuncia-se *Snick!*), CIA, FBI, SNI. Os *roaring sixties*.

Enquanto isso, acontecia alguma coisa na Rua Senador Vergueiro, Zona Sul do Rio de Janeiro. Lá nascia, sem pai e sem mãe, sem documentos oficiais, a Geração Paissandu, dentro e fora do Cinema Paissandu. O gerente, sem nenhum parentesco com Robert Bresson, era, por acaso, o Baltasar. Os donos, até hoje, os irmãos Valansi. O Paissandu, para alguns, espécie de *ersatz* de um *cinéma d'essai* da rua Mac Mahon, em Paris, até que era confortável, em que pesem as inconstâncias do ar refrigerado, do som e dos projetores. Generoso, acolhia não apenas iniciados e potenciais cineastas, críticos e intérpretes mas, também, espectadores distraídos que não entravam no clima, na *trip* de imagem, som e alguma fúria de êxtase ou desprezo devido a um certo plano, inusitado movimento de câmera ou uma *private joke* visual ou sonora. Muitos de nós aprendemos e desaprendemos, vimos e revimos, tínhamos preferências absolutamente irremovíveis. Um certo fanatismo, por vezes. Lembro-me de alguém indignado porque *Masculin-Féminin* (Godard, 1966) foi exibido no hoje demolido Cinema Rian, na Avenida Atlântica, em Copacabana. Só podia ser *lá*.

Quantos não se apaixonaram por Anna Karina, Jean Seberg, Chantal Goya, Anne Wyazenski, musas de Godard? Godard era (é) o cineasta por excelência do Paissandu e de sua geração, a geração que ansiava comprar o *Herald Tribune*, nos Champs Elysées, das mãos de Jean Seberg. *Il faut vivre dangereusement jusqu'au bout*: Belmondo & Bogart, uma parceria, na época, não perfeitamente assimilada pela Geração. A Geração que não era perdida nem se perdeu, continua por aí, fazendo filmes, escrevendo, transitando, alguns, trêfegos, por caminhos por eles nunca imaginados.

Não me recordo o ano, mas havia racionamento de energia. Esperávamos na calçada, num dos dois bares-restaurantes ao lado do Paissandu, Nebraska e Oklahoma, nomes de certa forma inconvenientes, pois pareciam ter algo a ver com uma certa linha de filmes americanos que, na época, estavam em desgraça. Não importava a falta de luz: bebia-se, fumava-se, esperava-se, falando, sonhando, se informando, anunciando uma descoberta absolutamente genial. Ray Nazzarro, no Cinema Rex, um poeira, que exibia *Dog Eat Dog*, de fato um grande filme.

Genial não era uma palavra com sentido definido, mas uma pausa para encontrar novas palavras. Gênios surgiam na tela, 24 revoluções por segundo ocorriam diariamente, principalmente nas sessões à meia-noite, nas ses-

Arnaldo Pinto

Depois de influenciar a geração dos anos 60 e exibir os filmes de Bresson, o Paissandu virou nostalgia.

sões programadas pela Cinemateca do Museu de Arte Moderna. (Aliás, junto com o GEC da UME e o CPC, creio que a Cinemateca do MAM é um dos pais dessa Geração da qual saiu uma parte do Cinema Novo, do Novo Cinema Novo, do Udigrudi.)

No Paissandu foi exibido, durante um festival, um cineasta que (pelo menos em mim, na ocasião) realmente balançou muitas convicções, Jean-Marie Straub. O filme, *Nicht Versohnt*. Era assim, suponho, com todos: descobrir era a palavra-chave, a *lexical key* para ingressar em inusitados, novos universos, por mais instáveis que fossem. Outro cineasta: Ozualdo Candeias, com *A Margem*.

Uma geração não volta, apenas deixa marcas, alguma coisa. Obras, talvez. Um certo espírito, que não pode ser confundido com nostalgia ou saudade, sempre fica. Não tem *revival* nem fotografia em grupo. Fica apenas o nome, Geração Paissandu, um endereço, uma época, milhares de fotogramas que jamais serão esquecidos.

É irônico, mas o cinema, com certo atraso, aderiu à *novidadice* e somou nostalgia ao nome. É Paissandu-Nostalgia, relançando filmes que eram os "clássicos", alguns, da geração que antecedeu àquela que, em sua época, não dava a mínima atenção a Michael Curtiz, por exemplo. E *Casablanca*, hoje um *cult-movie* universal, uma, duas, três, quatro gerações, agora anônimas, em torno de *As Time Goes By*.